

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA UNIDADE PRISIONAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL

Robenilda Moreira da Silva¹

¹ Graduada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, Cuité-PB, Brasil.

Email para correspondência: rbnilda@gmail.com

Resumo

A Educação no sistema prisional é essencial para a garantia dos direitos humanos e ressocialização. O presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar a prática docente desenvolvida na disciplina de Ciências e Biologia em uma unidade prisional de Minas Gerais. Trata-se de uma metodologia qualitativa, do tipo relato de experiência, a qual foi condicionada por rigorosos protocolos de segurança que restringem o uso de tecnologias, limitando o ensino a recursos impressos. Os resultados demonstram que, apesar das severas limitações de recursos, práticas educativas diferenciadas e a criatividade docente são capazes de promover a alfabetização científica e humanizar o ambiente carcerário. Conclui-se que a adaptação didática para o formato impresso e o uso de recursos lúdicos são eficazes para aguçá-lo o aprendizado, elevar a autoestima e motivar os discentes, cumprindo a função social da escola de oferecer novas perspectivas de vida através do conhecimento científico.

Palavras-chave: educação prisional, ensino de biologia, ludicidade.

Abstract

Education within the prison system is essential for guaranteeing human rights and social reintegration. This study aims to report and analyze the teaching practices developed in the Science and Biology disciplines within a prison unit in Minas Gerais. It employs a qualitative methodology, specifically an experience report, which was conditioned by rigorous security protocols restricting the use of technology and limiting teaching to printed materials. The results demonstrate that, despite severe resource limitations, differentiated educational practices and teacher creativity are capable of promoting scientific literacy and humanizing the prison environment. It concludes that didactic adaptation to the printed format and the use of playful resources are effective in sharpening learning, raising self-esteem, and motivating students, fulfilling the school's social function of offering new life perspectives through scientific knowledge.

Keywords: Prison education, biology teaching, playfulness.

1 Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) em ambientes de privação de liberdade é fundamental para a garantia dos direitos humanos, compreendida não apenas como uma forma de remição de pena, mas como um instrumento fundamental de ressocialização e resgate da dignidade humana. No Brasil, especificamente no estado de Minas Gerais, as diretrizes para o ensino e profissionalização oferecem aos detentos alternativas de

transformação de sua vida, proporcionando a oportunidade de ressignificar suas histórias por meio do conhecimento (MINAS GERAIS, 2013).

Para muitos desses indivíduos, conforme destaca Onofre (2014), a escola é um espaço onde eles podem suspender temporariamente sua condição de custodiado para assumir o papel de estudante, estabelecendo uma relação com o saber que vai além da remição de pena, pois representa o reencontro com uma trajetória escolar muitas vezes marcada por exclusões e fracassos anteriores.

Contudo, o trabalho docente na EJA prisional enfrenta muitos desafios, pois exige que os professores equilibrem as necessidades pedagógicas com as rígidas normas de segurança e disciplina desse ambiente. Por isso, o planejamento das aulas deve ser adaptado e flexível para acomodar as mudanças frequentes que ocorrem na rotina prisional. As aulas sofrem adaptações constantes, exigindo que o docente concilie a realidade repressiva da prisão com o potencial transformador da educação (Paixão; Guimarães e Sanches, 2021).

No que se refere ao ensino de Ciências e Biologia torna-se ainda mais desafiador, pois aborda conteúdos abstratos de difícil compreensão por parte dos alunos, o que exige uso de recursos como microscópios, vídeos e laboratórios para facilitar a compreensão. No entanto, no contexto prisional, tais ferramentas são geralmente inacessíveis devido às rígidas normas de segurança. Essa limitação impõe ao aluno o esforço de "imaginar" processos microscópicos a partir apenas de textos e figuras em papel, o que pode dificultar o entendimento dos componentes curriculares. Outro problema é que os alunos não podem revisar os conteúdos fora da sala de aula, uma vez que são proibidos de levar o material para cela. Conforme relatado por Andrade e Messeder Neto (2021), esse cenário impede que o aluno retome os temas discutidos fora do horário escolar, tornando o aprendizado um evento isolado na sala de aula e dificultando a consolidação de conceitos.

Diante dessa barreira, torna-se imprescindível que o professor tenha um cuidado redobrado durante as aulas, utilizando exemplos do cotidiano e recursos lúdicos adaptados, que ajudem a fixar o conteúdo de forma imediata. Nesse sentido, Silva (2020) defende que a educação para pessoas em privação de liberdade necessita de práticas educativas que rompam com o modelo tradicional, utilizando metodologias que aproximem o conhecimento científico da realidade e do cotidiano dos estudantes.

Portanto, este trabalho tem como objetivo relatar e analisar a prática docente desenvolvida na disciplina de Ciências e Biologia em uma unidade prisional no estado de Minas Gerais, Brasil.

2 Metodologia/Material e Métodos

O presente trabalho constitui-se como um relato de experiência de natureza qualitativa (Guerra *et al.*, 2024) fundamentado na observação participante e na reflexão crítica sobre a prática docente da autora, a qual atuou como professora de Ciências e Biologia com turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio entre os anos de 2023 e 2025, em uma unidade prisional localizada no estado de Minas Gerais, Brasil. No âmbito da Educação

de Jovens e Adultos (EJA). Para o exercício da docência nesse contexto, o profissional deve atender ao critério de bons antecedentes, um pré-requisito obrigatório que assegura os protocolos de segurança e a conduta ética da instituição (MINAS GERAIS, 2023). As atividades pedagógicas ocorreram semanalmente às quartas-feiras, com uma carga horária composta por duas aulas de Ciências e duas de Biologia. Ao longo do semestre, totalizaram-se 84 aulas, ministradas para turmas de dez alunos no Ensino Fundamental e dez no Ensino Médio.

A rotina metodológica foi condicionada pelos rigorosos protocolos de segurança da unidade prisional. Diariamente, o ingresso da docente no espaço escolar era preciso se identificar na portaria do estabelecimento, por meio de documento oficial, ou seja, carteira de Registro Geral (RG) passar por detectores de metais e revista de pertences. Nesse processo, todo o material didático era submetido a uma triagem, o que justifica a escolha estratégica pelo uso exclusivo de folhas impressas, livros e canetas — únicos recursos de livre circulação permitidos. Além disso, a prática exigia uma apresentação pessoal específica: uso obrigatório de jaleco branco, tênis ou sapatos fechados, cabelos presos, preferencialmente em formato de coque, e a restrição a joias, acessórios ou maquiagem marcante (MINAS GERAIS, 2023) visando a neutralidade e a segurança no ambiente de custódia.

No que se refere aos procedimentos éticos, os estudantes não foram identificados nominalmente, garantindo o anonimato conforme as normas do sistema prisional. A coleta de percepções baseou-se em registros em diário de campo e no planejamento pedagógico adaptado. Devido à proibição de tecnologias digitais ou materiais perfurocortantes, a prática educativa viabilizou-se estritamente por meio de recursos como o acervo bibliográfico da unidade, quadro branco e pincel, exigindo estratégias que priorizassem o diálogo e a construção textual direta.

3 Resultados e Discussão

Os resultados apresentados fundamentam-se em uma trajetória pedagógica realizada entre fevereiro de 2023 e julho de 2025. Ao longo desse período, totalizaram-se aproximadamente 420 aulas ministradas, distribuídas em cinco semestres letivos. O trabalho foi realizado com duas turmas fixas (uma de Ensino Fundamental II e outra de Ensino Médio) compostas por dez alunos cada, acompanhando a progressão escolar dos estudantes entre os anos letivos, foi possível compreender a complexidade do ensino de Ciências e Biologia em presídios.

Nesse contexto, ficou evidente que o professor precisa ter um olhar sensível ao contexto de vida de cada aluno. Conforme ressalta Hryczyna *et al.* (2024) a mediação pedagógica no cárcere deve ser pautada pela humanização, reconhecendo que o acolhimento das trajetórias de vida dos estudantes é o que permite transformar o ambiente de isolamento em um espaço de diálogo e construção de saberes. Assim como Silva (2020), que também reforça que o ensino de Ciências/ Biologia deve ser contextualizado e que o professor precisa conhecer a "pluralidade" dos alunos para que as práticas educativas sejam significativas para os estudantes.

No primeiro dia de aula foi realizado uma avaliação diagnóstica, a qual revelou que a grande maioria dos alunos interrompeu seus estudos há anos e, por isso, conteúdos básicos do componente curricular foram esquecidos. No entanto, apesar das falhas de conhecimento, o diálogo e avaliação inicial mostraram que os alunos viam o retorno a sala de aula como uma forma de romper com a criminalidade. Além disso, concluir os estudos representava o primeiro passo uma nova vida fora do presídio e reintegração digna na sociedade.

Essa percepção de que os conteúdos haviam sido esquecidos reforçou a necessidade de utilizar exemplos do cotidiano e metodologias lúdicas como: jogos, caça-palavras, cruzadinhas e bingos, para que os conceitos fossem reconstruídos de forma significativa, sem depender de uma base escolar passada. Diante disso, Onofre (2014) demonstra em seu estudo, que esse reencontro com a trajetória escolar, muitas vezes marcada por exclusões anteriores, exige que o professor medie o conhecimento de forma a não punir o erro, mas a valorizar o esforço de retomada.

3.1 Do silêncio ao Diálogo

As impressões iniciais no contato com a turma foram marcadas por um silêncio e uma postura tímida por parte dos alunos. Nas primeiras aulas, os estudantes demonstraram-se receosos. O contato visual era evitado e as interações verbais eram mínimas. No entanto, esse cenário foi se transformando gradualmente. À medida que as aulas avançavam, a curiosidade sobre o funcionamento do próprio corpo e os fenômenos da natureza começou a romper a inibição.

A postura rígida deu lugar a questionamentos, e o olhar, antes voltado para o chão, passou a fixar-se no quadro branco com interesse. Ao perceberem que a sala de aula era um território de respeito e construção do conhecimento, onde o erro não era punido, mas mediado, os alunos passaram a compartilhar suas dúvidas e experiências. Essa abertura ao diálogo foi fundamental, pois de acordo com Hryczyna *et al.* (2024) a interação e a troca de conhecimentos entre docente e aluno são a base para o desenvolvimento das atividades escolares no sistema prisional. Além disso, o estabelecimento de um vínculo baseado no respeito e no acolhimento permite que o cotidiano escolar ocorra sem prejuízos à relação professor/ aluno (Hryczyna *et al.*, 2024)

Esse processo de humanização e abertura ao diálogo no ambiente carcerário é corroborado por Onofre (2014), que destaca como a escola na prisão pode funcionar como um espaço de resgate da identidade do homem aprisionado, permitindo que ele se perceba novamente como sujeito de conhecimento. A mudança de comportamento dos alunos foi fundamental para o sucesso da aula sobre Citologia. Ao descobrirem que são formados por trilhões de células, unidades complexas e vivas que trabalham incessantemente, notou-se um visível sentimento de admiração. Compreender a biologia celular permitiu que eles olhassem para si mesmos sob uma nova perspectiva: não apenas como corpos privados de liberdade, mas como sistemas biológicos extraordinários e funcionais.

O conhecimento científico, nesse sentido, funcionou como um primeiro passo para o resgate da autoestima e da identidade. Trabalhar a baixa autoestima foi essencial para

que o fator emocional não interferisse no foco e nos objetivos do planejamento pedagógico (Nakayama, 2011). Portanto, o educador em presídios precisa saber lidar com os conflitos e as contradições da exclusão, despertando no aluno a reflexão e a sua importância como indivíduo na sociedade (Oliveira; Tavares Júnior, 2022).

3.1.1 Os Recursos Lúdicos como Estratégia de Mediação da Aprendizagem

No decorrer do ano letivo, foi utilizado várias atividades lúdicas como: jogos de tabuleiro, caça-palavras, cruzadinha e bingos, sempre em formato impresso, devido às restrições de segurança do ambiente prisional. Foi perceptível como esses materiais aguçaram a curiosidade e contribuíram para o aprendizado, transformando o ambiente de sala de aula e promovendo uma participação mais ativa dos alunos. De acordo com Monteiro (2022), a ludicidade na EJA contribui para a transposição do conteúdo de modo motivacional, permitindo uma construção do conhecimento rica em possibilidades e socialização. Além disso, o uso dessas estratégias lúdicas, vai ao encontro do que o autor defende sobre a necessidade de metodologias que inovem a prática pedagógica para atender um público que, muitas vezes, chega desmotivado à escola.

Dentre as estratégias aplicadas no decorrer do ano, destacou-se o uso do jogo de tabuleiro intitulado 'Imunização' proposto por Gonçalves (2023). O recurso foi adaptado para o contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em privação de liberdade, com a reestruturação das cartas de perguntas para tornar a linguagem mais acessível e próxima da realidade dos estudantes conforme mostra a figura 1.

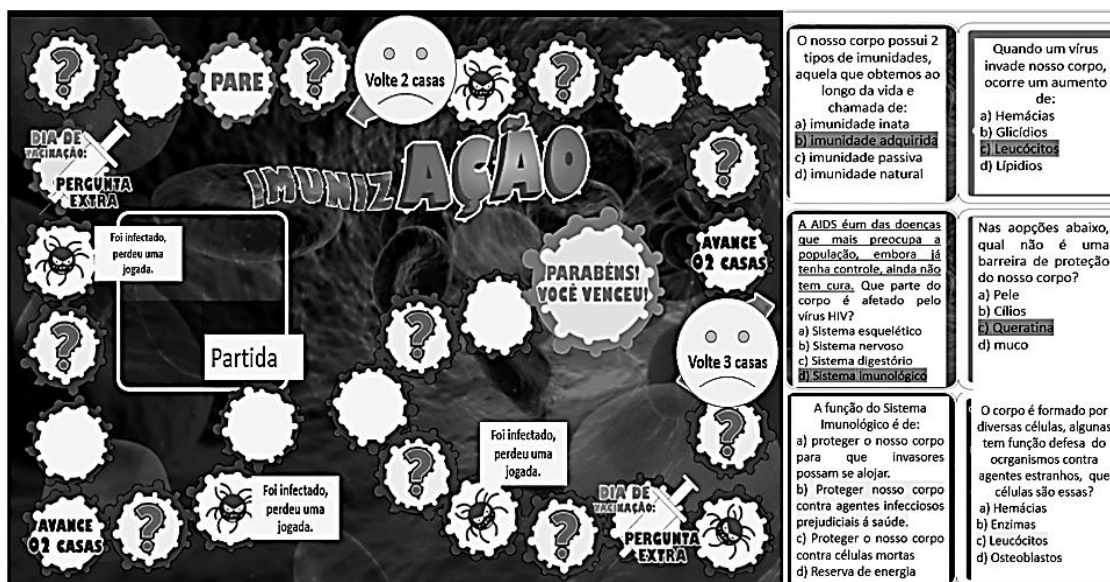


Figura 1: Tabuleiro e cartas do jogo didático Imunização.

Fonte: Adaptado de Gonçalves (2023).

A progressão dos alunos dependia do domínio de conceitos fundamentais da Biologia, principalmente, do sistema imunológico. Ao caírem nas casas de "Dia de Vacinação / Pergunta Extra", os estudantes eram desafiados com questões de múltipla escolha que abordavam desde a função dos leucócitos até a compreensão de doenças

como a AIDS. Exemplos de desafios propostos incluíam identificar a medula óssea como órgão do sistema imunológico ou diferenciar imunidade inata de adquirida. A estrutura competitiva do jogo, que contava com penalidades como "Volte 2 casas" ou "Foi infectado, perdeu uma jogada", exigia atenção redobrada, transformando o erro em um momento de descontração e nova tentativa, em vez de punição.

Essa abordagem foi decisiva para elevar a autoestima, pois ao acertarem perguntas complexas sobre o sistema imunológico, os alunos validavam seu potencial cognitivo. Como destaca Nakayama (2011), quando o professor consegue trabalhar o lado emocional, o aprendizado flui com maior naturalidade. Assim, o jogo permitiu que os estudantes saíssem da posição de espectadores passivos para se tornarem sujeitos ativos do próprio conhecimento, conectando a ciência com a realidade da saúde humana.

Além dos conceitos de citologia e imunologia, a prática docente também focou nas bacterioses. Dentre essas foi trabalhado, principalmente, sobre a tuberculose, visto que ambientes de confinamento apresentam maior vulnerabilidade para a propagação dessa patologia. Para isso, utilizou-se a estratégia intitulada “Bingo da Tuberculose”, inspirada na metodologia de Silva *et al.* (2023). Sob orientação da docente todo o material, cartelas e as fichas de conceitos, foi elaborado pelos alunos, o que permitiu o contato com os termos científicos e sintomas dessa doença antes mesmo do início da dinâmica.

Durante a dinâmica foi perceptível a interação e o engajamento dos alunos, ambos participaram de todas as etapas, desde a confecção até a aplicação do jogo, auxiliando uns aos outros na interpretação das cartas de perguntas. Conforme destacam Silva *et al.* (2023), o bingo funciona como uma poderosa ferramenta de educação popular em saúde, pois permite que os sujeitos discutam seus conhecimentos prévios e desmistifiquem a doença por meio do diálogo e da ludicidade.

A eficácia dessa ferramenta lúdica é corroborada por Corrêa *et al.* (2023), que em seu artigo intitulado “Respingo letal: uma ferramenta lúdica e eficaz no ensino de microbiologia”, demonstram como jogos baseados em perguntas e respostas favorecem a concentração e a fixação de conceitos, que seriam meramente abstratos em aulas tradicionais. Tal prática dialoga com as diretrizes do “Projeto Prisões Livres de Tuberculose” (2021) em Minas Gerais, que incentiva ações de educação em saúde para o controle da transmissão de patologias em ambientes de confinamento.

Portanto, a utilização desses recursos lúdicos não apenas facilitou a fixação do conteúdo biológico, mas também atuou no campo emocional. Ao transformar o aprendizado em um desafio estimulante, foi possível trabalhar a motivação e autoestima dos alunos, uma vez que através dos jogos, os alunos puderam refletir sobre sua capacidade de aprender, despertando uma nova percepção de si como indivíduo capaz e inserido em um processo de construção de conhecimento (Oliveira; Tavares Júnior, 2022). Além disso, o jogo permitiu que os alunos discutissem formas de contágio e prevenção de maneira descontraída, desmistificando medos e reforçando o autocuidado.

4 Conclusão

A vivência docente na unidade prisional de Minas Gerais revelou que a educação vai além da simples transmissão dos conteúdos e que a utilização de metodologias lúdicas, mostrou-se uma estratégia eficaz para aguçar o aprendizado e motivar os estudantes. A ludicidade facilitou a compreensão de temas complexos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais ativo e significativo.

Além disso, restrição ao uso de tecnologias impulsionou a criatividade da professora na adaptação dos conteúdos, mostrando que mesmo com falta de recursos é possível tornar a aula mais atrativa para os alunos. Portanto, ao despertar nos estudantes a reflexão sobre o próprio corpo e a importância do saber científico, a escola cumpre sua função social de ressocialização, oferecendo ao indivíduo novas perspectivas para sua reinserção na sociedade.

5 Referências

ANDRADE, I. S.; MESSEDER NETO, H. S. Privados de ciência: dificuldade de professores para ensinar nos presídios. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 13., 2021, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76619>. Acesso em: 15 jan. 2026.

CORREA, B. R. *et al.* Respingo letal: Uma ferramenta lúdica e eficaz no ensino de microbiologia. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 28, n. 00, p. e023040, 2024. DOI: 10.22633/rpge.v28i00.19906. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/19906>. Acesso em: 16 jan. 2026.

GONÇALVES, P. S. R. Imunização: um jogo didático para o ensino de imunologia no Ensino Fundamental. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, 21 de mar. 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/10/imunizacao-um-jogo-didatico-para-o-ensino-de-imunologia-no-ensino-fundamental>. Acesso em: 10 jan. 2026.

GUERRA, A. L. R. *et al.* Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S.L.], v.15, n. 7, p. 4019, 17 jul. 2024. *Brazilian Journals*. <http://dx.doi.org/10.7769/gesec.v15i7.4019>.

HRYCZYNA, A. B. *et al.* **Discussões Interdisciplinares: debates e discussões entre ciências exatas e naturais**. São Paulo: Dialética, 2024.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Defesa Social. **Cartilha: Ensino e Profissionalização**. 1. ed. Belo Horizonte: SEDS, 2013.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Subsecretaria de Gestão de Recursos Humanos. **Orientação de Serviço** SG/SB/SEE nº 01/2023. Belo Horizonte, 25 jan. 2023.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública. **Relatório de Atividades: Projeto Prisões Livres de Tuberculose**. Belo Horizonte: DEPEN, 2021.

MONTEIRO, J. L. P. **O lúdico na Educação de Jovens e Adultos**. Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 11, n. 37, p. 89-102, 2022.

NAKAYAMA, A. R. **O trabalho de professores/as em um espaço de privação de liberdade: necessidades de formação continuada**. 2011. 238 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, J. V.; TAVARES JÚNIOR, M. J. O ensino de Ciências e Biologia no sistema prisional: uma busca por temas, estratégias e recursos didáticos. **Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 9, p. 1-19, Jan 2022.

ONOFRE, E. M. C. **Educação escolar na prisão: o olhar de alunos e professores**. Jundiá: Paco Editorial, 2014.

PAIXÃO, J. A.; GUIMARÃES, G.; SANCHES, J. G. O professor e a educação em unidades prisionais: desafios e possibilidades do trabalho docente por entre as grades. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 50, n. 26, p. 3-20, set/dez. 2023.

SILVA, C. C. S. *et al.* O Bingo da Tuberculose: uma ferramenta para educação popular em saúde na comunidade. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 123-130, 2023.

SILVA, M. R. **Práticas Educativas no Ensino de Ciências da Natureza para Alunos em Privação de Liberdade nas Penitenciárias da Diretoria de Ensino de Araçatuba-SP**. 2020. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Araçatuba, 2020.